

A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL DE BERNARDO SANTARENO

O teatro de Santareno como visão crítica da
situação sócio - política do seu tempo – O
ESTADO NOVO (1926/74)

BERNARDO SANTARENO



POESIA
PROSA
TEATRO

Bernardo Santareno, de seu nome **António Martinho do Rosário**, nasceu em **Santarém**, no dia 19 de novembro de 1920.

Nesta cidade fez o ensino primário e também o ensino liceal no então Liceu Sá da Bandeira.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina, em Lisboa, tendo interrompido os estudos para cumprir o serviço militar em 1941.

Em 1945 matriculou-se na Faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra. Aqui conclui a licenciatura em Medicina e Cirurgia, no ano de 1950.

Em 1957 integrou a equipa de médicos da frota bacalhoeira portuguesa.

Embarcou no arrastão **David Melgueiro** e em 1958 no navio – motor de pesca à linha, **Senhora do Mar**. Terminou a campanha no navio-hospital **Gil Eanes**.

Regressou a Lisboa e exerceu clínica no Hospital Júlio de Matos. Em 1960 integrou o corpo docente do Instituto de Orientação Profissional. Em 1963 dedicou-se à recuperação social de invisuais na Fundação Raquel Sain, onde exerceu o cargo de psicólogo.

Faleceu em Lisboa no ano de 1980, a 30 de agosto.

TRÊS LIVROS DE POESIA FORAM PUBLICADOS PELO AUTOR, na década de cinquenta:

A MORTE NA RAÍZ-1954

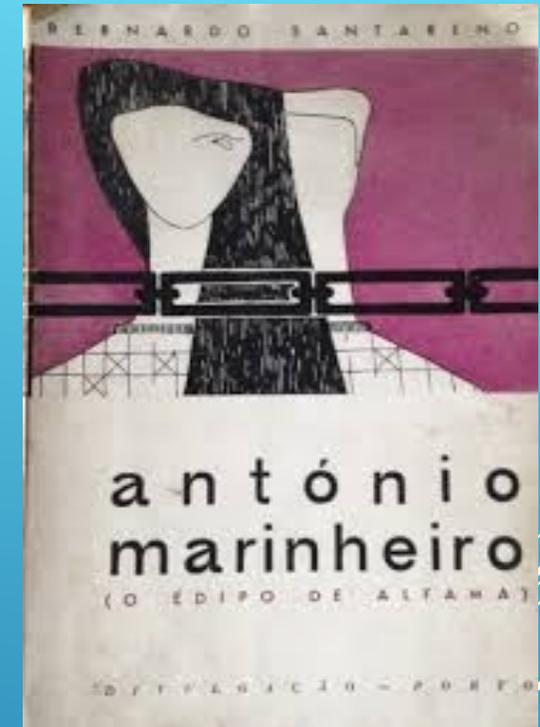
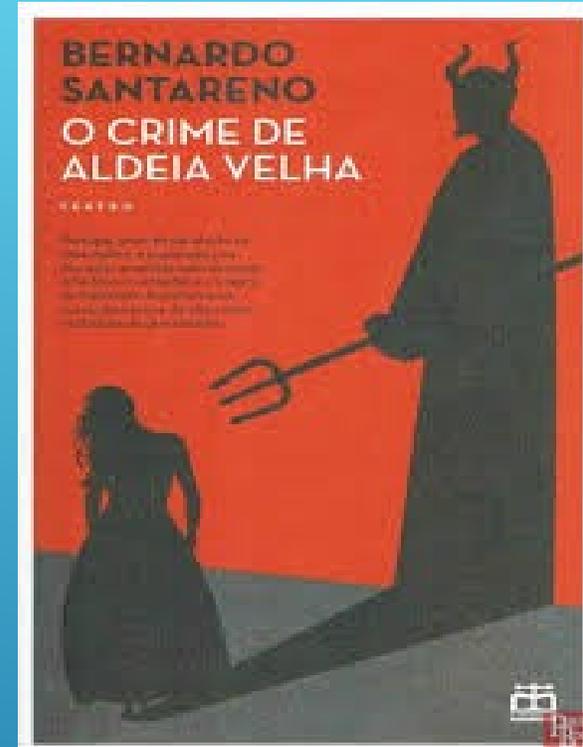
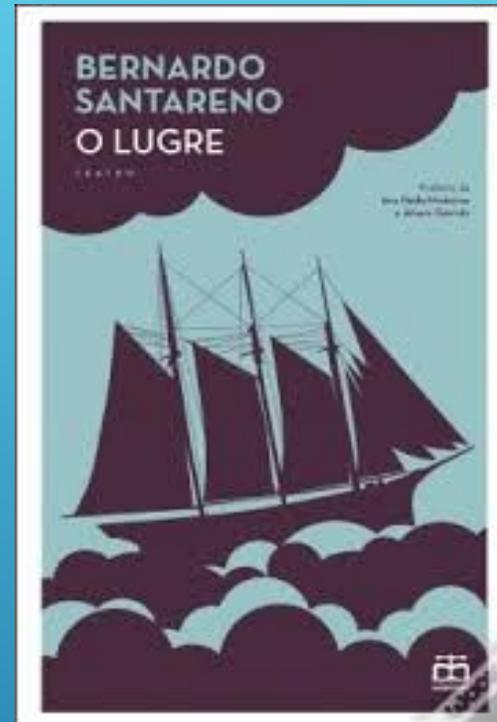
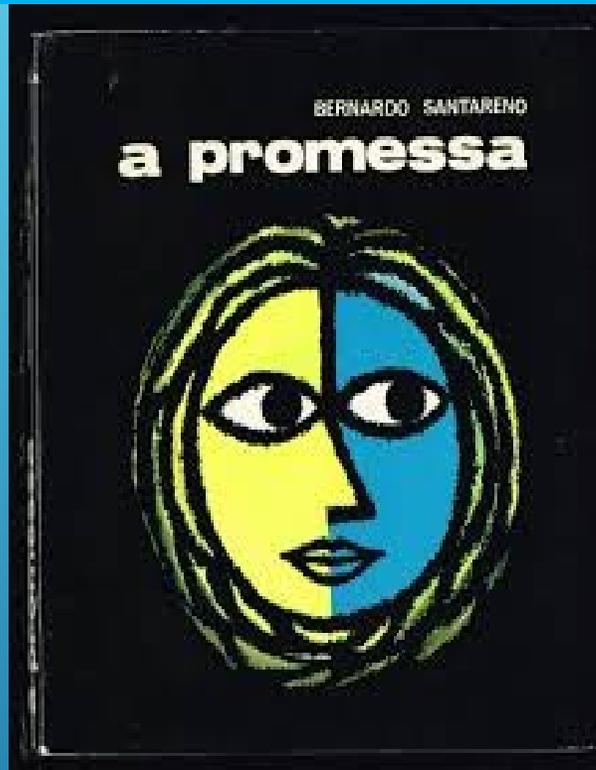
ROMANCES DO MAR – 1955

OLHOS DE VÍBORA - 1957

e inúmeras peças de teatro registadas neste documento.

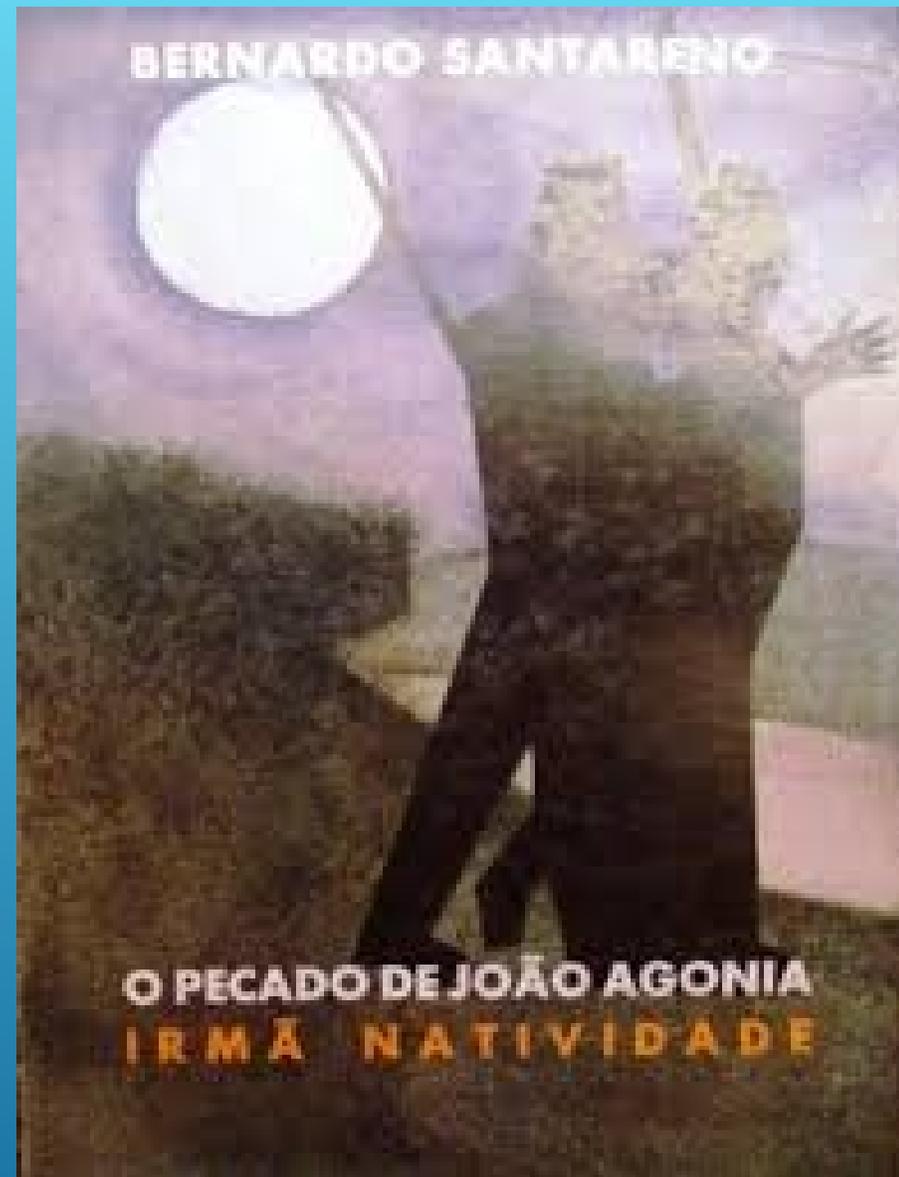


SANTARENO ESCREVEU PARA TEATRO OBRAS DRAMÁTICAS



A PROMESSA, O BAILARINO E A EXCOMUNGADA -1957
O LUGRE -1959

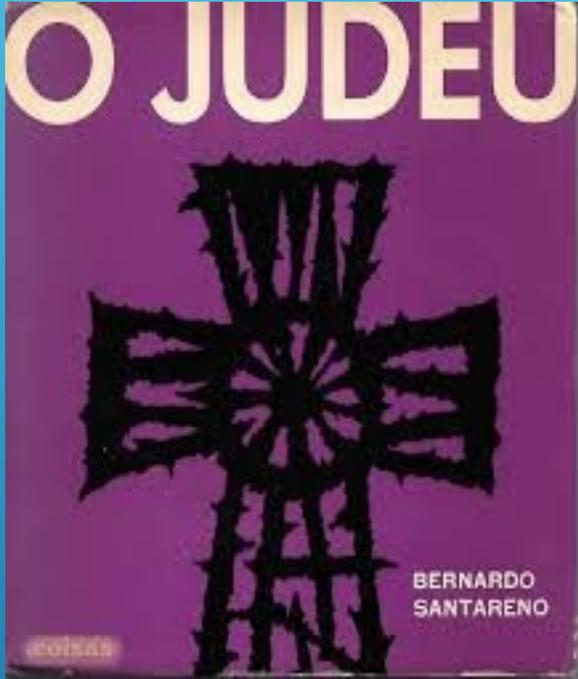
O CRIME DA ALDEIA VELHA-1959
ANTÓNIO MARINHEIRO 1961



1961

OUTRAS OBRAS FORAM PUBLICADAS NA DÉCADA DE SESSENTA:

1966

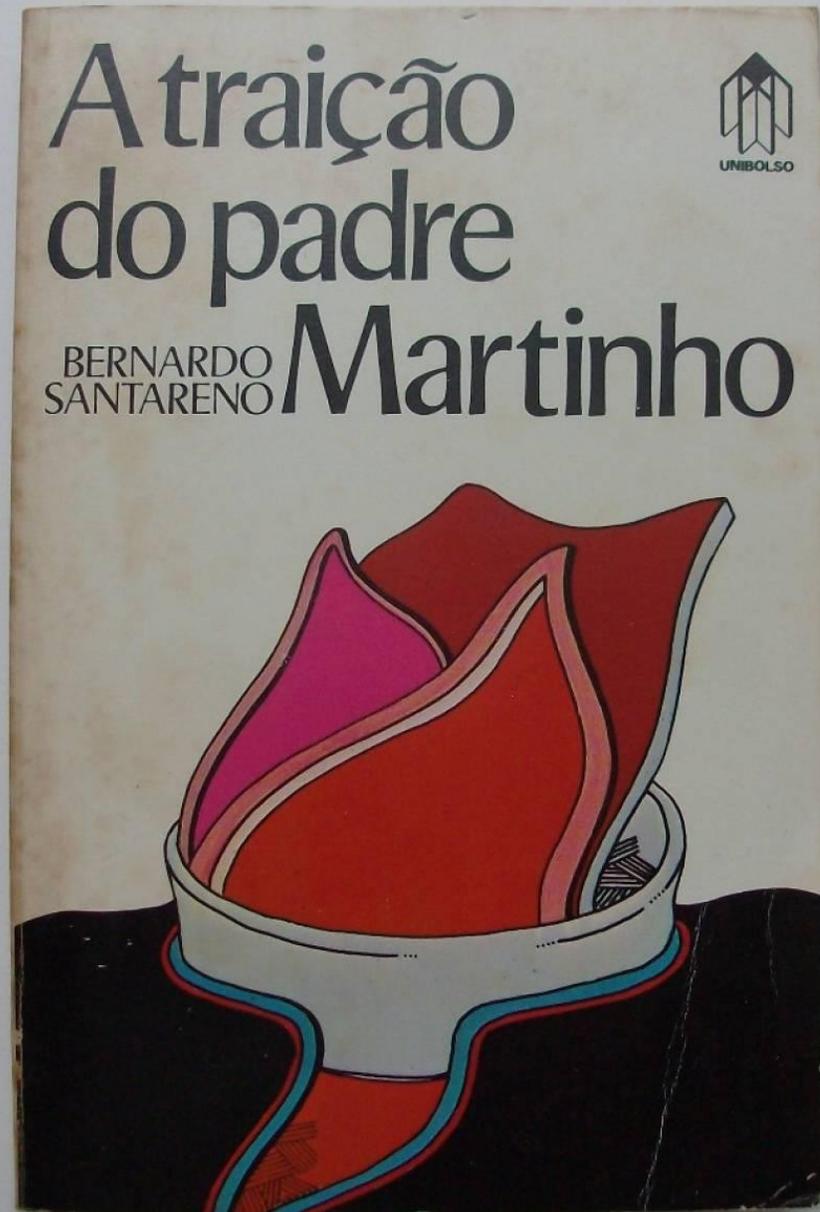


O JUDEU transporta-nos ao séc. XVIII, no reinado de D. João V.

ANTÓNIO JOSÉ da SILVA, mais conhecido pelo Judeu, escritor de teatro, é acusado de praticar o judaísmo e condenado à morte, queimado na fogueira, em praça pública, por sentença da INQUISIÇÃO.

Esta narrativa é uma alusão à vida do escritor no regime salazarista (ao qual o autor se opunha) que perseguia os seus opositores.

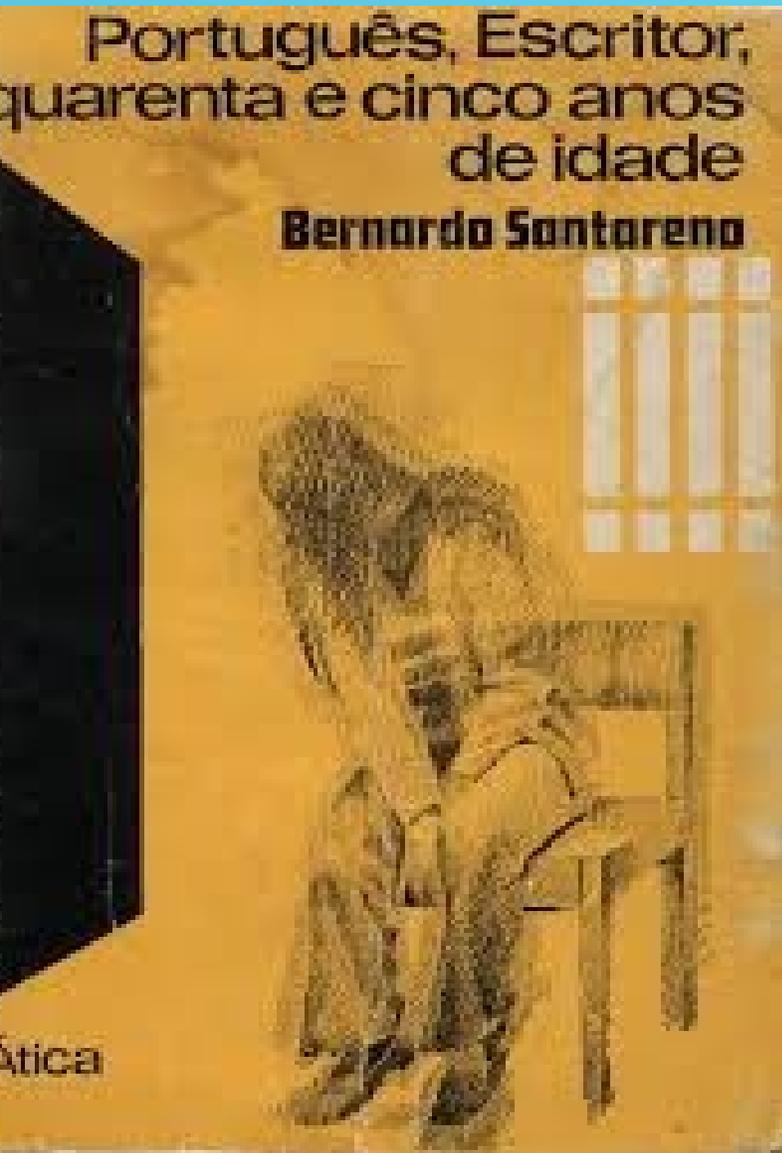
Só pôde ser representada após o 25 de abril, no ano de 1981, no Teatro Nacional D. Maria II.



Esta obra, só representada em 1974, fora já publicada em 1969.

O Padre Martinho, pároco da aldeia do Cortiçal, tenta ajudar os operários da fábrica da terra, sobrecarregados e explorados pelos patrões. Estes, por sua vez, consideram o padre um inimigo e queixam-se ao bispo da diocese, que decide expulsá-lo da paróquia. Tal decisão provoca a revolta dos populares que se reúnem para evitar a transferência do pároco. A polícia é chamada a intervir e a sua ação termina de forma brutal.

Ao longo do drama é posto em causa o papel da Igreja enquanto defensora do Estado e dos poderosos. Mais uma vez Santareno revela o seu humanismo, colocando-se ao lado dos humildes e explorados.



Neste drama, Santareno conta-nos a sua vida e de toda uma geração, fortemente marcada pela opressão do regime salazarista, reproduzindo a angústia e a inquietação das personagens numa sociedade que ele queria mais fraterna e mais justa.

A capa mostra-nos um homem sem rosto, derrotado, isolado numa cela da cadeia. As suas palavras são de desilusão:

“Tudo acabou para mim. Não luto mais. Venceram.”

A Censura nunca teria permitido que subisse aos palcos. Logo depois do dia 25 de abril, foi representada no mês de julho, no Teatro Maria Matos.

1974

**Do breve estudo desta obra:
PORTUGUÊS, ESCRITOR, QUARENTA E CINCO ANOS DE IDADE,
são objetivos:**

- . Situar o conteúdo no contexto histórico (ESTADO NOVO),**
- . Conhecer as formas de opressão política:
a censura, as perseguições, as prisões políticas.**

- . Tomar consciência da violência das guerras**
- . Segunda guerra mundial, Guerra colonial**

- . Motivar para um estudo mais profundo desta ou de outras
obras do autor.**

..

:

PERSONAGENS principais- AUTOR, ESCRITOR_ jovem, adolescente, adulto
Personagens anónimas. Pai, mãe, avô, médico, enfermeiro, prisioneiros,
operários, manifestantes – Todo um POVO que SE SUBMETE. A LIBERDADE é
apena uma aspiração.

Personagens políticas. Ministro, Bispo, padre, reitor, regedor, polícia..

O NARRADOR , o ESCRITOR -

O ESCRITOR, por sua vez, desdobra-se em escritor jovem, adolescente e
adulto. O autor que vê as suas obras impedidas de subirem à cena,
porque a Censura as proíbe, bem como das de outros escritores do seu
tempo, afirma que não voltará a escrever.

Santareno destaca, nesta obra, as factos mais marcantes da vida política
portuguesa até 1974, socorrendo-se de imagens e documentários de
acontecimentos que ilustram as facetas características da ditadura.

VOZ DO AUTOR:

“Sou português, escritor e tenho quarenta e cinco anos de idade... Estou farto, cansado, já não acredito em nada. Esta será a minha última peça. Estou desesperado, a vida dói-me horivelmente....

Perdi tudo... Já não posso mais. Esta, repito, será a minha última peça. ...Uma peça autobiográfica. Escrevi-a na prisão... É verdade: Estou pela sétima ou oitava vez, preso.” pág.27 e 28

(escritor, apresentado pelo autor do qual só ouvimos a voz, entra em cena. É ele que vai ser a personagem principal, que nos fala das sucessivas prisões de seu pai, do seu ideal republicano, da morte da mãe e do seu fervor religioso.)

“ O meu pai é a pessoa que mais admiro no mundo. Ele tem-se sacrificado pelo seu ideal mais que os católicos que eu conheço pela sua religião. (...)

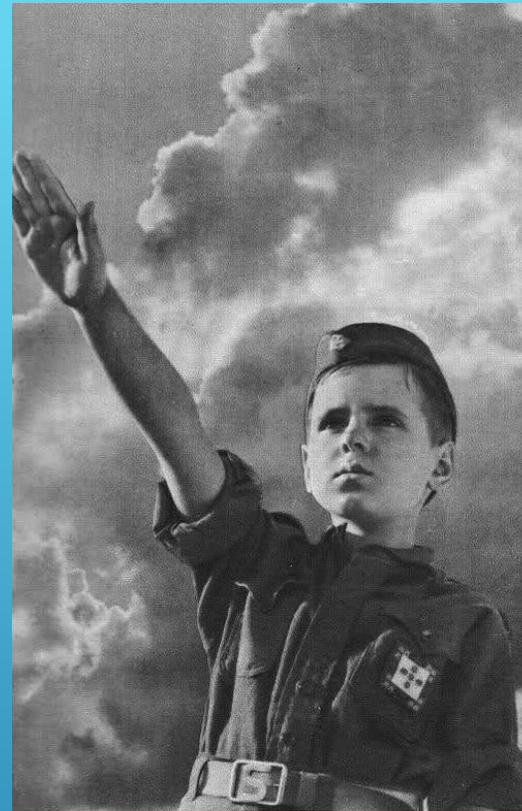
-Pobre pai...tem pouco mais de quarenta anos... Está um velho.

(...) É que a prisão, a tortura não estragam só o corpo, também torcem o carácter”

Pág-60.



MOCIDADE PORTUGUESA



“REITOR (...) - Escuta, meu filho: tu sabes que és o único aluno deste liceu, que não está filiado na Mocidade Portuguesa?

ESCRITOR - Sei, senhor Reitor.

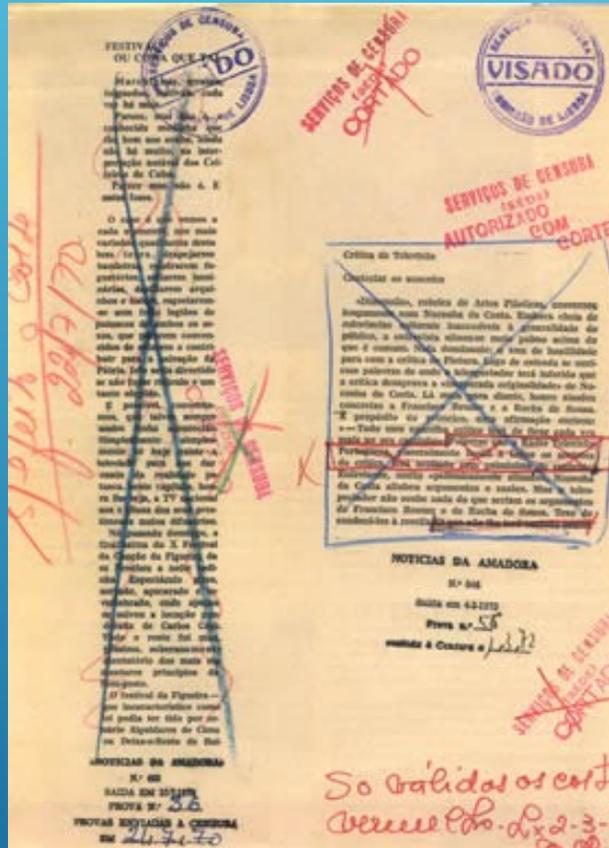
REITOR – E não tens pena? ...) É o teu pai que não deixa?

ESCRITOR - Mesmo que deixasse. Eu não queria ser da Mocidade Portuguesa.”

A CENSURA

Escritor (quando jovem)

“... A Censura é, de facto, uma das instituições mais odiosas deste regime. Nos jornais, esconde as poucas notícias verdadeiras, realmente importantes, para o povo poder formar uma opinião... A censura proíbe tudo quanto, de perto ou de longe, possa levantar a máscara ... Que cobre o rosto irremediavelmente velho do Estado Novo. É assim para os jornais, para os livros, para o cinema. É assim para o teatro.” pág.68





DESFIL DE TROPAS NAZIS



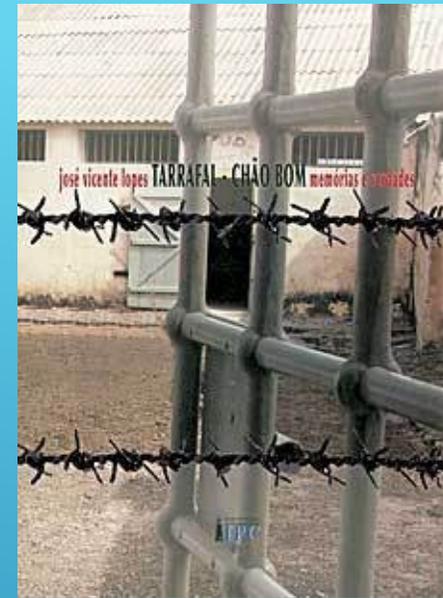
Bomba de Hiroshima -6 de Agosto de 1945

**“Estamos no fim da guerra, da Segunda Grande Guerra. (nos três ecrãs começam a surgir imagens da guerra: no céu, no mar e em terra.... Rajadas de metralhadoras, sirenes, aviões, canhões....”)
pág.87**

PRISÕES para opositores do REGIME



Prisão de Caxias



TARRAFAL em CABO VERDE

ESCRITOR: (...) Foi assim a minha infância e a minha adolescência. O meu pai volta e meia estava preso. Como vivíamos do trabalho dele, durante esses longos dias de prisão, tínhamos grandes dificuldades económicas... A minha mãe ia ficando cada vez mais triste, mais azeda e revoltada.

(No ecrã grande, do fundo, surgem imagens do interrogatório do pai, na PIDE: Perguntas sobre perguntas às quais o Pai se recusa a responder. Agridem-no a soco: não responde, com sangue a escorrer do nariz. Está exausto....) pág. 32

AS ELEIÇÕES DE 1958 / O General sem Medo

“ESCRITOR- Eu explico-te... Primeiro, o general afirmou sempre que ganhara , que não perdera, que a maioria dos portugueses estava com ele. Os 25% representam apenas os resultados oficiais. Depois, há muitas rasteiras que podem explicar estes números. Os boletins de voto, com o nome do general, chegaram muito tarde. Depois houve confusão e medo. Mas valeu a pena.... Em quarenta anos de ditadura, foi esta uma das raras vezes em que o regime esteve em perigo. A campanha do General sem Medo provocou um verdadeiro levantamento nacional”.

Pág.122



BRANCOS: (*em coro*)-Em 4 de fevereiro de 1961, as prisões de Luanda foram atacadas. O objectivo era libertar os presos políticos africanos que lá estavam detidos.

NEGROS (*em coro*) – Resposta das autoridades portuguesas:

Algumas centenas de indígenas massacrados.

BRANCOS – A quinze de março, a luta rebentou no norte de Angola e várias centenas de brancos foram por sua vez dizimados, em condições de horrível crueldade. (...)

TODOS - E a guerra começou.”

Pág. 126, 127.





A GUERRA COLONIAL não tinha fim.
Aos gritos de “A Pátria não se discute! Angola é nossa! Moçambique é
nosso! Portugal não se vende!” pág.136

Milhares de mortos. Uma verdadeira hecatombe.

“É condecorado a título póstumo, com a Cruz de Guerra...” pág. 136

“VOZ DO AUTOR –Sou português, escritor, e tenho quarenta e cinco anos de idade. Estou desesperado, a vida dói-me horivelmente Perdi tudo. (...) Esta foi a minha última peça.

-Acriz – Mulher: O autor diz-nos que esta foi a última peça. Que não escreverá mais nenhuma. Mas a Vida continua.

Eu não quero desistir.

Vou continuar. Quem quer acompanhar-me?

(...)

TODOS (*para o público, com intensidade crescente*) Quem quer acompanhar-nos? A luta continua! A luta continua ! Quem quer acompanhar-nos?”

Pág.

ÚLTIMAS OBRAS DE TEATRO:

OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO
TRÊS QUADROS DE REVISTA
O PUNHO

“HOJE A LUTA RECOMEÇA
MAS DE IGUAL PARA IGUAL
MUITO OBRIGADO BERNARDO
SANTARÉM DE PORTUGAL”

ARY DOS SANTOS

